

# REVISTA CATHARINENSE

ASSIGNATURAS :  
SEMESTRE \$5.000

REDACÇÃO E OFFICINAS  
Rua Conselheiro Jeronymo n. 1

PUBLICAÇÃO MENSAL

## NOTAS HISTÓRICAS

INFORMAÇÕES SOBRE A PRETENSÃO DE SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, REQUERENDO A DOAÇÃO DE UMA CAPITANIA DE 100 LÉGUAS EM SANTA CATHARINA.



PERCORRENDO archivos, bibliothecas publicas e particulares, adquirindo, em importantes leilões de livrarias, valiosos manuscriptos, o Sr. ALBERTO LAMEGO, autor da recente obra *A Terra Goytacá*, torna-nos conhecendo um interessante trecho da historia catharinense, a que nenhuma referencia faz o não pequeno numero de trabalhos que sobre a nossa terra natal temos examinado.

Referimo-nos á pretensão de Salvador Correia de Sá e Benevides, que duas vezes governou o Rio de Janeiro, requerendo, em 1657, doação de uma capitania de 100 léguas, que devia abranger a Ilha de Santa Catharina e as terras despoçadas que ficavam entre a capitania de S. Vicente e Rio da Prata.

Nessa petição, allegava Salvador Correia que queria povoar a capitania de Santa Catharina, «começando nella e partindo, a metade para a banda do norte e a outra metade para a banda do sul e não havendo terra sufficiente para inteirar as 100 léguas, de costa, como era uso e costume, se demarcassem entre S. Vicente e Rio da Prata, com as ilhas que existissem».

Pouco depois, certamente melhor informado do valor das terras que pretendia, enviava novo requerimento a S. M. insistindo no pedido das terras da ilha de Santa Catharina, que ficavam além da Cananéa até os Patos.

Por determinação régia foram ouvidos Marcos Corrêa de Mesquita, que ia para Provedor da Fazenda na Índia; Frei Christovam de Lisboa, bispo eleito de Angola; Manoel Pereira Lobo; Frei Manoel de Santa Maria; Padre Luiz Pessoa, da Companhia de Jesus, e Thomé Malhadas.

Assim informou Marcos Corrêa de Mesquita: « Respondendo as perguntas que se lhe fizeram, acha por informações e noticias que tem da costa do Sul do tempo que servio de Ouvidor do Rio de Janeiro, que da povoação que chamam Cananéa até á ilha de Santa Catharina, haverá de circuito 6 para 7 leguas e que neste circuito haverá 3 portos de mar, em os quaes poderão entrar muitas embarcações e fazer outras de muitas toneladas, com as madeiras que dá a terra. As terras são muito boas e as cultivando, darão toda a novidade de mandioca, legumes, tabaco, algodão e cannas de assucar; são terras sem povoações de gente branca nem indios, tirada a Cananéa e a lagoa dos Patos que ha junto do Paraguay, dizem que ha uma povoação de gentios com os quaes os brancos vão resgatar, dizendo ser gente muito bruta e não ter conhecimento da fé e com facilidade virão a ter sendo povoadas aquellas terras visinhas, por ficarem tambem perto da ilha de Santa Catharina, de que se pergunta a informação que se dá e isto é o que se pode dizer do sitio da terra, bondade e largueza della. O que lhe parece convem ao serviço de S. M., augmento de sua fazenda e conservação e serviço de Deus é que S. M. deve dar estas terras, que estão vagas em toda a costa do Brazil, a pessoas poderosas as quaes cultivem, porquanto dos fructos teria dizimos e direitos e principalmente as que se tratam da costa do sul, porque dando-se á pessoa poderosa e que agencie povoadores, fará povoações nos tres portos que tem aquella terra, haverá commercio com o Rio e a Bahia e abrir-se-hão alfandegas, cujos direitos podem render muito pelos fructos da terra, como pelas mercadorias que podem vir de fóra a este reino, como de Buenos Ayres por ficar muito perto e haver occasião de se metter muita prata neste reino de que tanto carece. E querendo V. M. commetter alguma facção por ali, contra Castella, para se aproveitar de algum porto donde lhe possa vir prata, tendo aquelles portos povoados e navegaveis, pode fazer com maior facilidade. Pelo que lhe parece, que V. M. deve dar estas terras em Capitanias, a homens poderosos que agenciem povoadores cultivadores, mas que a esses primeiros se lhes devia dar privilegios e liberdades taes que animassem a muitos serem seus companheiros no trabalho da agricultura e se assim não fôr difficulosamente conseguirá esta povoação por ser em terra mui remota das povoadas neste reino. »

Segue-se a informação de Frei Christovam de Lisbôa, assim redigida: « Parece justa, acertada e conveniente a doação da nova Capitania, além de que na presente conjectura, é bom



que se busque por todas as vias, cousas de que V. M. possa fazer doações, sem detrimento de sua fazenda, para ter com que pagar serviços e animar os homens até fazer muitos outros. A mercê das doações tira dois fins, um enriquecer a pessoa particular que recebe tal beneficio pelos seus serviços, outro a utilidade que d'ahi resulta ao reino, porque quantas mais Capitánias povoadas, tantos mais navios virão carregados de assucar e outros fructos. Pelo que, fazendo V. M. mercê da doação, deve ser em porto onde possam entrar e estar navios em segurança, onde haja campinas para o gado vaccum, sem o que não podem haver engenhos e nem será de utilidade alguma ao reino nem ao dono. »

Reza assim a informação de Manoel Pereira Lobo : « As noticias que tenho de Cananéa a Buenos Ayres, é estarem as terras despovoadas dos gentios que ahi existiam e hoje só habitam nellas onças e tigres. São terras que darão muitos mantimentos, têm muitos rios, lagôas e portos, como são os do rio S. Francisco e Ilha de Santa Catharina, o da lagôa dos Patos e o de Rio Grande. Têm extensos campos e será muito do serviço de S. M. povoarem-se havendo quem as queira. »

Frei Manoel de Santa Maria deu a seguinte informação : « A Ilha de Santa Catharina, fica além da Cananéa 60 ou 70 legoas, é montuosa e despovoadas, terá 6 ou 7 legoas de cumprimento e 3 ou 4 de largura, faz duas barras com a terra firme. A que fica do norte, para a banda da Cananéa, tem baixios e não se servem por ella senão embarcações pequenas ; a do sul, que fica para Buenos-Ayres, é maior e podem entrar navios grandes. As terras desde Cananéa até ao Rio Grande, terão mais de duzentas leguas, por costa, estão despovoadas por haverem os moradores de S. Vicente lhes tirado o gentio que as povoava e só no mencionado Rio Grande ha algum gentio que confina com os charruas em Buenos Ayres. São terras de muitos rios, lagôas e campos que se estivessem mais perto das nossas povoações seriam de utilidade para os gados, mas não podem vir por terra por causa das asperezas dos caminhos e mattos ; são muito férteis e se poderão ahi fazer muitos engenhos de assucar, mas como as muitas terras no Brazil e estas estejam tão longe, não ha quem as queira povoar e será muito conveniente ao serviço de Deus e de V. M. dar a quem as queira. »

Assim se lê o que, a respeito, informou o Capitão Salvador Thomé Malhadas : « A ilha de Santa Catharina deve ter de 5 a 6 legoas, seu porto é muito nomeado por haver estado assenhoreado pela armada de Diogo Flores e Baldes. Logo se segue

para o sul, a lagôa dos Patos, Ararionga, o rio Saramandry, o Rio Grande, Castilho, ilha dos Lobos, ilha de Maldonado, ilha das Flores, a barra de Buenos Ayres. Está despovoada por ter sido caçado o gentio pelos moradores de S. Vicente. E' montuosa, tem muitos rios, lagoas, campina, madeira para fabricar embarcações e dá os mantimentos com abundancia se houver lavoura. Até agora não se sabe se dá assucar por ser a terra fria, mas produzirá muito bom gado. Deve ser dada a quem pretende-la, pois estando despovoada, nem Deos nem S. M. tem serventia."

Accrescenta Alberto Lamego: « Ouvido o procurador de Fazenda opinou pela concessão do pedido não só por causa da conversão do gentio como pelo resultado que adviria para a Corôa. »

« O Conselho foi de parecer que se concedesse a mercê, assignando o accordam em 4 de Janeiro de 1657 o Marquez de Montalvão e Jorge de Albuquerque. »

« Foi o despacho régio » Torne-se a ver esta consulta por ser tão antiga como os ministros que hoje servem no Conselho e se deem vista della aos procuradores de minha Corôa e Fazenda, para que digam o que lhes parecer cada hum pelo que lhe tocar, vendo-se que quantidade de legoas se devem e é costume dar e as condicções e jurisdições em que devem ser. Lx<sup>a</sup>. 29 de julho de 1658. »

« Ambos não se oppuzeram ao pedido, accrescentando o da Corôa Antonio Pereira de Souza: « No que toca as legoas, variamente tem-se dado a um mais de que a outros por motivos da variedade dos merecimentos dos donatarios ou da qualidade das terras que não são todas iguaes na bondade e como as que pede não são das melhores, pode-se-lhe dar 60 legoas deixando o restante para outros benemeritos. »

« Quanto ás jurisdições, parece que esta doação se deve fazer como as que se fizeram as mais modernas que entendo serem as de Antonio Coelho de Carvalho e Feliciano Coelho de Carvalho. Lx<sup>a</sup>. 28 de Agosto de 1658. »

« O Conselho foi do mesmo parecer, mas novos obstaculos surgiram e Salvador Correia não conseguiu a almejada doação. »

J. B.

---

Um jornal inglez assegura que em Tartaria, o perfume da cebola é dos mais apreciados. As mulheres costumam esfregar as mãos e o rosto com a cebola. Como se deve chorar na Tartaria!



# A Côrte de D. João VI

## Atravéz de um romance allemão

E' curioso e penso que desconhecido entre nós que a bibliotheca allemã encerre, na sua secção das novellas, algumas de um auctor por nome Belani, lidando com o Marquez de Pombal, a côrte de D. João VI e a guerra fratricida entre D. Pedro e D. Miguel. Essas novellas a si mesmas se qualificam de quadros historico-romanticos. A publicação das duas ultimas, que formam quatro volumes, data de 1839. Foi seu auctor um artista, certamente de ascendencia italiana, violinista de algum merito ao que parece, a quem um amor, partilhado mas sem esperanza de legitimar-se numa união, por uma moça de alta linhagem, levou a expatriar-se. Depois de percorrer parte da Europa com o seu violino, fixou residencia em terras portuguezas — a designação então abrangia as brazileiras — nellas passando 25 annos pelo menos, de 1807 a 1832 e tendo feito parte da esplendida capella real organizada por D. João VI para as funcções musico-religiosas por que era apaixonado. A novella é dedicada áquelle amor infeliz que toda a vida o acompanhou, si é que fallava verdade quem assim escrevia em pleno Romantismo.

Sob certo aspecto, encerra a novella observações politico-sociaes bastante engenhosas, precedendo até Oliveira Martins na desharmonia que encontrava, funda e mesmo irreconciliavel, entre a rebaixada condição intellectual do povo portuguez e a Constituição livre pensadora de D. Pedro. Sob outro aspecto, contem personagens cheios de verdade e descripções cheias de côr local, como a da Lisboa do anno da retirada de D. João VI para o Brazil, com seus papagaios e mico adornando as sacadas da Baixa pombalina e fornecendo uma das muitas notas coloniaes em que abundava a metropole do então vasto imperio luzitano, pelas ruas da qual uivavam bandos de cães esfomeados e vagabundeavam magotes de famulos maltrapilhos das grandes casas fidalgas.

Ao olhar experimentado de Belani nenhum pormenor pittoresco escapava, e sua intuição de viajante-artista logo descobriu no primeiro passeio á Cintra, pela estrada mais frequentada pelos contrabandistas vindos da Hespanha do que pelos excursionistas de Lisboa, a feição mourisca dos arredores, com seus aloes e cactus africanos e seus saloios de tez bronzada e typo berber.

Tambem registrava curiosamente, ao lado dos aspectos physicos, todos os pormenores sociaes que lhe traduziam a cultura, ou melhor dito a falta de cultura do paiz em que fôra habitar, contando por exemplo com melancolia que a pobre Rainha dôida vivia muito abandonada em Queluz, apesar de ser grande e sincera a estima filial que lhe consagrava o Principe D. João, e que os criados do Paço a quem ella andava mais entregue a mostravam por dinheiro aos estrangeiros como si se tratasse de um animal curioso.

As informações de Belani eram das melhores ou então era extraordinária a sua intuição psychologica, porquanto ninguem, de meu conhecimento, melhor descreveu o character de D. João VI do que esse violinista. O discurso que elle pôe na bocca do seu interlocutor portuguez é perfeito de fidelidade: eu proprio cheguei, estudando o personagem nos factos e documentos, aos mesmos resultados. D. João VI parece-me haver sido aquillo exactamente. Belani não esquece traço algum: a sua dissimulação, a sua astucia, o seu tino de governo infelizmente minguido pela sensível falta de decisão que apenas resgatavam raros assomos de energia como o da demissão de Seabra, os seus ciumes de mando e de preponderancia, as suas desconfianças, os seus zelos da alta nobreza, a sua perfidia politica, a sua excellente informação da situação internacional e dos homens que dirigiam os destinos da Europa, o seu intimo e completo conhecimento do pessoal da côrte, o seu juízo justo e provado, a sua perspicacia, e seu alheamento do fanatismo religioso, a sua bonhomia finalmente que não ia, entretanto, até ao desprezo da etiqueta, a qual pelo contrario muito prezava.

Sobre os Ministros do Principe Regente na época portugueza da sua vida, quero dizer, antes da trasladação para o Brazil, o estudo de Belani no seu romance é igualmente excellente. Tenho tido que estudar essa época bastante para poder affirmar que nunca encontrei juntas em autor algum observações tão interessantes e tão concordes com os juizos a que se chega pelas narrativas e papeis do tempo. Villa Verde, Figueiró, Balsemão, Barca, Linhares, outros mais, acham-se fixados com seus traços genuinos de um modo suggestivo da época em que o auctor definia com graça Portugal como sendo uma provincia da Inglaterra, que a esta servia para vender caro o seu bacalhão da Terra Nova e comprar-lhe barato o vinho do Porto.

Quando porém se exerce mais á vontade sua veia humoristica e suas recordações redobram de picaresco, é ao evocar a



figura de Dona Carlota Joaquina no Ramalhão: baixinha, magrinha, de rosto afogueado, olhinho brilhante e bocca sarcastica, mettida numa saia e num camisolão de chita, com os dois bolsos cheios, um de reliquias de santos — dentes, ossinhos, cabellos e trapos — o outro de rapé solto, donde ella tirava as fartas pitadas com que mimoseava o seu nariz bourbonico. Deste habito pouco asseiado levou no emtanto até hoje toda a fama o seu coitado de marido.

Num dos melhores quartos do palacio, num mixto de sump-tuosidades de adornos e de desordem pouco limpa, cevava a princeza do Brazil o favorito com quem dormia as noites. Ao tempo da visita de Belani ao Ramalhão occupava o cargo um moço da estrebaria, o Joaquim; rapagão trigueiro, musculoso e desempenado, que saboreava bastante o seu *far niente* diurno mas queixava-se de ter, depois do sol posto, de beijar uma bocca real suja de tabaco.

Occasionalmente, quando melhorava da sua monomania, que mais resultava em hypocondria do que em loucura furiosa, era a Rainha Dona Maria trazida para o palacio de Cintra. Ahí, no velho Alcazar mouro, bastante descurada dos cortezaões, mesmo dos fidalgos do seu serviço, rodeada de um bando de clérigos, frades e serviçaes, passava ella parte de seus dias na mesma capella em que orára e chorára o infeliz Affonso VI, trahido pela mulher e deposto pelo irmão. Os serviçaes, sem fiscalização, tinham tomado conta dos melhores aposentos desse velho paço cujos azulejos arabes contrastavam com os reposteiros de damasco vermelho. Durante o dia eram vistos ás pencas os homens dormindo á sésta pelos frescos pateos inçados de mendigos e de cachorros, com as fardas vermelhas enroladas debaixo da cabeça as mulheres, umas descançando, com suas carnes morenas bem á mostra, sobre sofás de palhinhas recobertos de almofadas, outras sentadas sobre esteiras catando-se mutuamente os piolhos.

No tocante ás travessuras — o termo é brando, maldades — por que desde seus tenros annos se distinguio o Infante D. Miguel, e que tanto contrastam com a sua serena e nobre vida no exilio, é o auctor allemão prodigo de aneddotas. O primeiro encontro que com elle teve Belani foi na estrada do Romalhão, indo o diabrete de cinco annos, comicamente vestido de general, com dragonas douradas e placa ao peito, numa segesinha pintada de vermelho, profusamente decorada a ouro e puxada por dois grandes bodes negros, que D. Miguel chicoteava a valer. Sentado ao

seu lado ia o mestre de guiar e escoltavam a sege em miniatura varios lacaios de libré, armados de varapaus com que distribuiam pauladas entre os que se não arredavam depressa e não apeavam logo das suas cavalgadas para se ajoelharem.

O proprio Infante para isto servia-se do chicote, um dia vergastando na cara um pobre velho que, depois de vel-o longe, o amaldiçoou por ter ousado bater em *seu avô*. O saloio era pae de um dos predecessores do Sr. Joaquim nas boas graças de Dona Carlota. A Messalina fazia deportar para as minas do Brazil ou metter nas cadeias do Reino os amantes que se cançavam ou de que se saciava.

Os quadros historico-romanticos do primeiro volume da novella de Belani desdobram-se sobre a base de um entrecho que poderemos denominar por opposição romantico-historico: a perseguição movida pela Princeza do Brazil contra o Conde de Lavradio (D. Epiphanio) por ter resistido ás seducções dos que o queriam implicar na conhecida conspiração idéada por Dona Carlota para privar D. João da regencia por maluco, e haver mesmo denunciado o projecto ao camareiro do Principe Francisco Lobato.

Testemunhas obtidas por surbono culparam o Conde de predilecções jacobinas, e o Regente cedeu ao seu Ministro Luiz de Vasconcellos (Figueiró) e assignou a respectiva ordem de prisão, não contudo sem haver previamente mandado aviso ao accusado afim de refugiar-se temporariamente em Hespanha, cuja fronteira não foi a esse dado alcançar a tempo, apesar de munido do passe que a estação central dos contrabandistas expedia por bom dinheiro para segurança e rapidez das viagens.

São dramaticas e bem architectadas as peripecias por que, no empenho de salvar o incriminado mação, passa sua consorte, a filha de um professor de mathematicas de Coimbra, de origem allemã, por quem D. Epiphanio se apaixonou antes do irmão mais velho D. Felipe, um misanthropo de ardente sensibilidade que, contrariado não se unico amor, renunciou por isso os títulos e honras e tomou em Alcobaça o habito que devia pelo estylo caber ao filho segundo da nobre e opulenta casa de Lavradio.

Com este cunhado monge, a quem uma paixão d'ora avante sacrilega vae de novo abraçar, inesperadamente se encontra a gentil Condessa quando em Mafra procura o Principe Regente para d'elle impetrar a graça do marido. Este passo fornece ao autor o melhor ensejo de descrever a vida de D. João nesse grandioso retiro semi-claustal, semi-cortezão, passeando com os conegos agostinhos em seus habitos talaes de seda negra sobre



que se destacavam os escapularios brancos, nos jardins elevados do palacio, fragrantos dos muitos arbustos tropicaes, ruidosos do chilrear dos passarinhos, dos guinchos dos macacos e da algazarra dos papagaios e araras do Brazil; entoando o cântochão no côro em officios celebrados na riquissima capella de marmores de côres quentes, sempre acompanhado do seu fiel Lobato que, com um lencinho de cambraia, lhe enxugava o suor a escorrer da testa; recusando-se, apesar da intimação do seu medico inglez Willis, que tratava á ingleza a melancolia pelo exercicio physico, a montar o manso cavallinho branco com que devia, vestido de velludo verde e com a faca de matto a tiracollo, acompanhar a caçada aos gamos na real tapada.

A sorte do Conde de Lavradio conduz ainda a esposa dedicada ao beija-mão no palacio d'Ajuda, pouco tempo antes da entrada dos francezes, findo o qual o Principe Regente e seus Conselheiros se reuniram numa das famosas sessões que precederam á trasladação da Côrte, não sem que tivesse D. João concedido alguns instantes á sua paixão musical, tocando no orgão para Belani desenvolver em harmonias uma melodia que a noite lhe acudiria para motivo de um psalmo, acompanhando-a com a sua vosiinha esganiçada de tenor a pedir assobios.

Oliveira Lima.

---

São sempre perigosos os córtes quando aparamos as unhas dos pés, ou os callos. O melhor remedio nestes casos é o emprego immediato de agua boricada em compressão, ou de pulverisações seguidas de uma applicação de algodão esterilizado, carregado de collodio. Isto, com o algodão hydrophilo, fórma uma couraça anti-septica contra a pressão do sapato. Lava-se com um pouco de agua tepida quando a ferida estiver cicatrisada.

A poeira, que é tão desagradavel, não se supponha que seja peculiar á terra; os navios a soffrem tanto como as casas.

A poeira provém não só do ar que a conduz, como dos mundos em destruição, destroços que sem cessar descem sobre o nosso planeta.

Os cães costumam affagar as creanças lambendo-lhes os olhos. Essas demonstrações de amizade pôdem occasionar darthros invasão de vermes solitarios e outros parasitas.

Os palacios reaes da Inglaterra e o castello de Malbourogh custam aos contribuintes inglezes mais ou menos um milhão e meio de francos por anno para reparações.

# Republica Catharinense

( Documentos para a sua historia )

(Da collecção do Sr. Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux)

## 1839 — 25 de Julho — Independencia do Povo Catharinense.

Illmº. Sr. .... A victoria que no dia 22 do corrente, á face desta Villa, obtiveram nossas armas e as mais que se irão succedendo: a expontanea vontade com que irão os livres americanos de todos os cantões do nascente Estado Catharinense ás fileiras libertadoras, são o garante de sua estabilidade. Que deveremos praticar em um nexo victorioso quando os factos procuram os homens e não estes a aquelles? Quaes os embaraços que faltão superar? Nem um só resta para declarar já e já solemnemente á nação catharinense livre e independente, formando um estado republicano constitucional. Esse dia de grandeza nacional pertence hoje a esta representação municipal, que deverá servir de capital interinamente, visto que o municipio da cidade do Desterro, unico onde um limitado numero de bayonetas conservam, ainda que por curto espaço de tempo, está privado de partilhar a gloria de elevar com os demais concidadãos a patria ao nivel das nações do globo.

.....  
Declarada a independencia do Estado, julgo de urgente necessidade que pelo vehiculo dessa corporação seja effectuada a eleição provisoria de presidente até á installação da futura assembléa constituinte: podendo para ella servir as instrucções de 26 de Março de 1824, e as mais em vigor tendentes a estes objectos, com tanto que, para não haver demora, que nos é prejudicial, se faça pelos actuaes eleitores, reunidos em seus collegios no dia que for assignado por V. S. A nação rio-grandense praticou o mesmo em circumstancias bem calamitosas para ella, e quando a maior parte de seus municipios eram occupados pelos imperialistas. ....

Deus Guarde a V. S. Villa da Laguna, 25 de Julho de 1839. Ao cidadão presidente e mais vereadores da Camara Municipal da Villa de Laguna. (Assig.) *David Canabarro.* (Povo n. 94.)

## 1839 — 29 de Julho — Defesa de Santa Catharina. — Em ordem do dia o presidente de Santa Catharina brigadeiro João



Carlos Pardal chama ás armas todos os guardas nacionaes da capital, reservas, empregados publicos, etc. Encarrega da defesa maritima da provincia o chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim. Encarrega do commando das forças de terra reunidas na capital e na Ilha o brigadeiro Francisco de Mello e Albuquerque. Encarrega do commando do corpo civico formado de todos os cidadãos que não são guardas nacionaes do serviço activo o coronel Joaquim de Almeida Coelho. (*Correio Official*, nº. 44 de 22 de Agosto de 1839).

**1839 — 7 de Agosto — Eleição do presidente da Republica Catharinense.**

— No dia 7 de Agosto de 1839 reuniu-se o collegio eleitoral da Villa de Laguna, composto de 21 eleitores, na casa da camara municipal, procedendo-se á eleição para «Presidente do Estado Catharinense.» Foram eleitos: Tenente Coronel Joaquim Xavier Neves, 17 votos; Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, 4 votos; o collegio resolveu que ao mais votado se fizesse aviso para vir prestar juramento e tomar posse na camara municipal. Consta esta eleição da acta junta ao officio de Soares de Andréa ao ministerio da Justiça de 24 de Outubro de 1839 (Arch. Pub).

**1839 — 5 de Setembro — Nomeação de Ministros d'Estado da Republica Catharinense.**

— Liberdade, Igualdade, Humanidade. — Concorrendo nas pessoas dos cidadãos abaixo mencionados, além dos conhecimentos necessarios, acrysolado patriotismo e decidida adhesão ao interesse democratico que a nação acceitou, o presidente provisório do Estado decreta: — Artigo Unico. Fica nomeado Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Interior e Justiça o cidadão João Antonio de Oliveira Tavares; e para Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios da Guerra, Marinha e Exterior Antonio Claudino de Souza Medeiros. — João Antonio de Oliveira Tavares, Ministro e Secretario dos negocios do Interior assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. — Laguna, 5 de Setembro de 1839, 1º. anno da Independencia e da Republica Catharinense. (*Assig.:*) *Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro* — *João Antonio de Oliveira Tavares.* ( *Povo*, numero 106 ).

1839 — Agosto 31 — Tomada da Laguna pelos Republicanos. — Parecer do Conselho de investigação sobre a evacuação da Laguna — .....A' vista das informa-

ções e exames a que procedeu o Conselho de Investigação, e que teve por sufficientes para ficar inteirado do facto da retirada das forças de terra e das de mar que defendiam o porto militar da villa da Laguna, parece manifesto ao Conselho que no dia 21 de Julho do corrente anno appareceram forças rebeldes na barra da mesma villa, no lado Sul, que entraram em tiroteio com o lanchão armado *Lagunense* e que se retiraram quando em soccorro deste se approximou a escuna *Itaparica*. Que no dia 22 descendo o rio Tubarão a canhoneira *Imperial Catharinense* fôra atacada por forças rebeldes no ponto da Carniça, a uma legua da villa da Laguna. Que se defendera valorosamente e que tendo gasto até o ultimo cartucho, causando bastante estrago ao inimigo, o commandante lhe lançou fogo. Que tendo feito signal de soccorro esta canhoneira durante a acção, lhe fôra mandado a esse fim, depois de alguma hesitação, o lanchão *Lagunense*, que mal dirigido cahira em poder do inimigo. Que as forças rebeldes não chegariam a seiscentos homes. Que as imperiaes, contando as tripulações dos navios armados, não eram inferiores a este numero. Que estas estavam intactas e animadas do melhor espirito. Que ainda depois de perdidas a *Imperial Catharinense* e a *Lagunense*, restavam armadas a escuna *Itaparica*, o brigue escuna *Cometa* e canhoneira *Sant'Anna*. Que tendo o commandante superior convocado um conselho consultivo no dia 22 de Julho, ás duas horas da tarde, e tendo-se concordado n'elle, em que só se faria a retirada em caso extremo, e quando não se pudesse continuar a resistencia, prevenindo antes ao corpo do commercio e familia para se pôem em salvo e seus effeitos, sem ninguem ter sido prevenido, nem mesmo as autoridades, o commandante se retirou com as forças de linha a seu mando e cavallaria rio-grandense, ás nove para ás dez horas da noite do mencionado dia vinte e dois. Que esta retirada, quando aliás se achava intactas as forças legaes de terra, quando ainda haviam na sua retaguarda, em Villa Nova, as forças de cavallaria e infantaria da guarda nacional ao mando do major



José da Silva Ramos e em Imaruhy o destacamento a que commandava o major Luiz Lopes Botelho de Lacerda : quando ainda restavam tres embarcações armadas, e quando não havia forças inimigas em posição de poderem cortar a retirada, segundo o que unanimemente affirmam tres testemunhas; quando todas essas forças se achavam ainda do outro lado da lagoa para o sul, sem fazerem preparativos para a atravessarem; julga o conselho ter sido prematura a retirada que deu causa a perderem-se e acharem-se hoje em poder do inimigo a villa e município da Laguna e ameaçado o resto da provincia, e a perderem-se e acharem-se do mesmo modo dous vasos de guerra, algumas boccas de fogo, muitos armamentos, munições de guerra, petrechos, soldados, doentes, familias que pretendiam retirar-se, e effeitos de particulares que talvez se pudera salvar, ou si se fizesse a resistencia que ainda era possivel, ou si se dessem para á retirada providencias que a tornassem menos desastrosa. Julga portanto outrosim o conselho, que o tenente coronel Vicente Paulo de Oliveira Villasboas, que estava encarregado do commando militar da villa da Laguna e das forças de mar e terra destinadas á sua defesa, é responsavel pela retirada que fez no dia 22 de Julho do corrente anno, e pelas suas consequencias, para por ella responder competentemente. (*Correio Official* nº. 52 de 31 de Agosto de 1839. )

( *Continúa.* )

---

Na Finlandia os advogados são obrigados a servir durante algum tempo como simples agentes de policia.

---

A manteiga conservada na agua ligeiramente salgada fica fresca durante varios dias e nada perde de seu sabor.

---

Foi em 1847 que o doutor Simpson, de Edimburgo, empregou pela primeira vez a anesthesia pelo chloroformio nas operações.

---

Embebidos em glicerina os ovos podem conservar-se em perfeito estado durante dois ou tres mezes.

---

Certos chinezes das provincias interiores crêm ainda que as mulheres que têm os cabellos muito curtos ou muito raros se transformam em homens depois de um pequeno espaço de tempo.

# RESUMO HISTÓRICO DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

PELO

Visconde de S. Leopoldo

( *Continuação da pagina 50* )

No objecto de finanças: desmembradas da capitania do Rio de Janeiro, em 1710, a de S. Paulo e Minas, e sendo governador e capitão general d'estas Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, na arrematação dos dizimos em S. Paulo, em Agosto d'esse mesmo anno, ainda se mencionaram os do Rio de S. Francisco, e de St<sup>a</sup>. Catharina, e da Laguna, como fazendo parte da sua renda privativa por pertencerem ao seu districto, até que, pela provisão de 11 de Agosto de 1738, estas tres Villas foram reunidas á capitania do Rio de Janeiro. Para velar de perto á arrecadação e distribuição da renda publica foi creada na ilha uma provedoria em 1751, e nomeado para seu primeiro provedor Felix Gomes de Figueiredo, por Decreto de 27 de Novembro do mesmo anno, com o ordenado de 640\$000 rs. e em virtude do Decreto de 31 de Dezembro de 1754, já por ella se percebeu o rendimento dos dizimos da Ilha: assim se regeu esta repartição, até que, á semelhança das outras capitanias, foi ali installada uma Junta de Fazenda, e sua contadoria, por Decreto de 19 de Abril de 1817, e Provisões posteriores. Em vista do relatório do ministro e secretario d'Estado dos negocios da Fazenda, apresentado na Camara do Deputados para o anno financeiro de 1829 a 1830, é orçada sua receita ordinaria em 31:661\$890 réis para fazer face á despesa ordinaria de 249:076\$869 réis e por isso na necessidade de ser soccorrido por consignações d'outras Provincias.

A força militar desta Provincia consistia em um regimento de infantaria de primeira linha, com exercicio de artilharia; em um batalhão de artilharia, formado em 1819, com duzentas e sessenta e uma praças; em dois regimentos de infantaria da segunda linha; em um dito, dita de cavallaria; em dois batalhões de caçadores da mesma segunda linha; além de um numeroso corpo de ordenanças.

Estes tres ultimos ramos da administração acabam de receber uma organização uniforme por todo o Imperio: o da ordem judiciaria, pela disposição do Código do Processo de 29 de Novembro de 1832, e instrucções annexas, mandadas executar por Decreto de 13 de Dezembro do mesmo anno: o da Fazenda, pela lei de 4 de Outubro de 1831, que instituiu o Tribunal do Thesouro Publico Nacional, e Thesourarias nas Provincias, em lugar das extinctas Juntas da Fazenda: o militar, enfim, pela formação das guardas nacionaes, segundo a lei do 18 de Agosto de 1831, com as alterações do Decreto de 25 de Outubro de 1832.



## DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS DO APPENDICE

## A

Ordeno ao capitão Mór Francisco de Brito Peixoto que logo que chegar á Villa da Laguna, mande recolher para a Praça de Santos o ajudante Sebastião Rodrigues com os soldados que o acompanharão, e no caso que algum lhe seja necessario para o serviço de Sua Magestade, que Deus guarde, poderá deixar os que lhe parecer. Também lhe ordeno conserve boa correspondencia com os Castelhanos, por assim ordenar Sua Magestade; entende-se a tal correspondencia em não fazer-lhes a menor vexação, e não deixará de mandar-me as noticias, que entender conveniente saberem-se: no caso que á Ilha de St<sup>a</sup>. Catharina vá nação estrangeira a negocios, o não consentirá, porém constando ser com necessidade precisa, e querendo algum mantimento, l'ho poderá mandar dar por troco de munições, armas e polvora, e constando-lhe que alguma pessoa concorre para que venhão ahi navios commerciar, o dito capitão-mór a prenderá, remetendo á Villa de Santos á minha ordem, e em tudo mais que se lhe offerecer disporá o dito capitão-mór com aquelle acerto e prudencia, que espero da sua pessoa, prestimo e actividade, e esta minha ordem se resgistrará nos livros da secretaria deste governo. — São Paulo, 16 de Setembro de 1725. — *Rodrigo Cezar de Menezes*. (Registrado no livro primeiro de registro da Camara da Villa da Laguna, a fls. 2.)

## B

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Por dois officiaes mandados por D. Pedro de Cevallos á corte de Madrid tivemos as primeira noticias (que nas gazetas de Madrid se fizeram logo patentes a toda a Europa) de havermos abandonado a Ilha de St<sup>a</sup>. Catharina sem fazer a menor resistencia: e de ter a esquadra portugueza desaparecido á vista da hespanhola, depois de andar dois dias acompanhando-a em grande distancia, até a deixar com todo o socego e segurança ancorada junto do porto daquella Ilha. Esperavamos com impaciencia as relações de V. E., e nellas a certeza de termos ao menos salvado a honra da nação. Chegou enfim a corveta de Aviso, que V. E. dirige a esta côrte, commandada pelo piloto José Francisco Perné, a qual entrou neste porto na tarde do dia 19 do corrente, e nas relações de V. E. acabamos de receber a confirmação da perda daquelle importante estabelecimento, a qual sendo para esta côrte das maiores consequencias, é infinitamente menor que o fatal e irreparavel golpe com que os figurados e infelizes defensores daquella colonia, esquecidos inteiramente de tudo quanto devem á patria, em que nasceram, se deixaram preoccupar de um terror panico, sepultando nas praias de St<sup>a</sup>. Catharina toda a sua reputação e honra com eterna ignominia do nome portuguez. Render-se a dita Ilha depois de bem ou mal defendida, é acontecimento de que se tem visto muitos exemplos semelhante; mas entregarem-se todos os seus fortes, e fortaleza e enfim a mesma Ilha, sem se disparar um só

tiro de artilharia nem de mosquetaria, é phenomeno que se não ouve sem horror, nem se crê, senão depois de acontecido.

S. M. approva a determinação de V. S. em mandar prender o governador e os outros officiaes de que se cumpunha o governo e guarnição da mesma Ilha, mandando devassar delles, e ordena a V. E., que logo que a dita devassa estiver concluída, a remetta á real presença por esta secretaria d'estado, com todos os documentos e noticias, que puderem contribuir para mais claro e individual conhecimento deste desagradavel negocio. Quanto ao chefe da esquadra, e officiaes della, se expedirão a V. E. as ordens necessarias com a possivel brevidade; e no caso em que o dito chefe continúe a se comportar com a sua costumada altivez, e falta de resignação, e obediência devida a V. E., V. E. o mandará prender á ordem de S. M. dando interinamente o commando da esquadra ao official que achar mais digno delle. Na real presença da mesma senhora se lêu o voto que o capitão de mar e guerra José de Mello deu no conselho de guerra que se teve a bordo da não *S. Antonio* em o dia 20 de Fevereiro; e sendo elle em tudo conforme ao distincto merecimento de um official do seu nascimento, e da sua honra, não pôde deixar de se fazer muito agradavel a S. M., sendo certo que se elle se houvesse seguido, os successos de St<sup>a</sup>. Catharina seriam differentes, e a esquadra portugueza não se houvera retirado a esse porto coberta de opprobrio. Deus guarde a V. E. — Palacio de Nossa Senhora de Ajuda, em 22 de Julho de 1777. — *Martinho de Mello e Castro*.

P S. — E' preciso que V. E. ordene ao chefe da esquadra que lhe restitua o livro de signaes da esquadra hespanhola; e o guarde com toda a cautella, afim de que se não possa vir no conhecimento da pessoa que aqui o mandou. Junto a esta carta achará V. E. a relação autentica, que acabo de receber, e por ella verá o estado em que chegou a esquadra hespanhola ao forte de St<sup>a</sup>. Catharina, principalmente com a perda de gente e falta d'agua, e o pouco que alli se podia deter se houvessemos feito a menor resistencia.

(Continúa.)

---

Quando se fôr fazer lavagens na cabeça é conveniente não esfregar directamente o sabão sobre a pelle ou sobre a cutis, mas dissolvel-o adiantadamente em um pouco de agua quente. Deve-se friccionar as mãos, primeiramente, com um pouco de carbonato de soda, algumas gottas de agua da colonia, ou de aguardente, ou mesmo duma infusão de chá. Muito melhorarão assim os effeitos desta toilette local.

A alfazema é a herva mais efficaz para proteger as roupas contra as traças. A alfazema ingleza é muito mais activa que a do nosso paiz.



# Os Farrapos em Santa Catharina

Chronica da guerra civil no Rio Grande do Sul  
pelo Capitão Tobias Becker

1835 A 1840

## CAPITULO III

(Continuação da pagina 42)

Preparativos de embarque do 2º. corpo ; 5ª. companhia em Santos ; successos no Rio Grande que motivaram o adiamento da partida. — As sessões da assembléa são adiadas. — Ida de Jeronymo Francisco Coelho á Corte. — Colonia de Itajahy. — Um officio de José Marianno a A. Ribeiro é interceptado ; suas consequências.

A 23 dè Outubro de 1835 o presidente de Santa Catharina dêra ordem ao tenente-coronel Oliveira Lisbôa para apromptar o corpo sob seu commando e, com dois canhões de campanha, seguir para o Rio Grande em defesa da legalidade. Mais tarde o mesmo presidente entendeu que deveria deixar no Desterro a artilharia e seguir o corpo como se fôra infantaria.

No dia 27 de Janeiro de 1836, Oliveira, depois de passar revista á sua tropa, publicou uma ordem do dia elogiando a promptidão e asseio das forças sob seu commando e declarando que até o dia 29 estaria tudo a bordo. Nesse mesmo dia 27 officiou elle ao presidente da provincia descrevendo-lhe o estado do corpo e pedindo-lhe ao mesmo tempo a 5ª. companhia, que se achava destacada em Santos.

A 28 de Janeiro José Marianno officiava a Araujo Ribeiro, dizendo-lhe que já se achava prompto a seguir para a Laguna o 2º. corpo, quando recebera elle pelo correio terrestre noticias do Rio Grande, noticias essas favoraveis, relatadas em periodicos e cartas particulares, o que o resolvera a demorar a partida do corpo, na expectativa da confirmação das noticias ; que, se não a obtivesse, nem recebesse communicacão official contrária até o dia 31, fal-o-ia seguir no dia 1º. de Fevereiro, salvo se elle Araujo Ribeiro julgasse desnecessaria tal expedicão. Esse mesmo officio seguiu com um *post-scriptum*, datado de 30 de Janeiro, declarando que no dia seguinte seguiria o corpo.

No dia 31 de Janeiro, José Marianno pedia por officio ao ministro da guerra a vinda da 5.<sup>a</sup>. companhia do 2.<sup>o</sup>. corpo e nessa mesma data enviava elle outro officio a Oliveira Lisbôa, dizendo que seguisse ao seu destino, mas sem levar o parque, afim de poder fazer a marcha com a maxima celeridade, operando como si infantaria fosse: que embarcasse nesse dia como lhe fôra ordenado na vespera, e evitasse quanto pudesse incommodar os habitantes da Laguna, onde deveria desembarcar; que o fim dessa marcha não era tão somente satisfazer o pedido de Araujo Ribeiro, mas tambem impedir que o contagio da revolução do Rio Grande se operasse em Santa Catharina; que procurasse entender-se com Araujo Ribeiro, de quem receberia as necessarias instrucções.

Dizia mais, que a crise por que passava o Rio Grande começava a sentir-se em Santa Catharina, obrigando-o a seguir até á Laguna, onde iria informar-se e ver de perto quaes as medidas que deveria tomar; e em quanto lá não chegasse que elle Lisbôa indagasse dos viajantes e moradores daquellas paragens, noticias e esclarecimentos, os quaes lhe deveriam ser transmittidos.

Vejamos agora o que se passava no Rio Grande durante o mez de Janeiro de 1836, e as causas que determinaram José Marianno a demorar a partida do 2.<sup>o</sup>. corpo.

No dia 4 desse mez, o Dr. Marciano, vice-presidente da provincia, publica numa proclamação que a assembléa provincial, convicta das intenções pacificas e conciliadoras do governo central, resolvera mandar convidar o Dr. Araujo Ribeiro a tomar posse da presidencia da provincia, e convidava o povo para obedecer ao mesmo presidente nomeado.

No dia seguinte o coronel Bento Gonçalves dirige de Porto Alegre ao Dr. Araujo Ribeiro, com quem particularmente sympathisava, convidando-o a ir áquella capital tomar posse do seu cargo, prometendo-lhe ao mesmo tempo a sua adhesão.

Ora, em vista dessa boa vontade, de tão bons elementos, inclusive o de Bento Manoel Ribeiro, seu parente, e dos intuitos pacificos e conciliadores daquelles de quem poderia receiar hostilidade, era de esperar que o Dr. Araujo Ribeiro se dirigisse de prompto a Porto Alegre, que, em festas, se preparava para recebê-lo, ahí tomasse posse da alta administração da provincia, pondo por essa fôrma termo á lucta politica que esphacelava aquella bella provincia.

Assim, porém, não fez elle.



Talvez mal aconselhado por pseudos-amigos de ultima hora, que desejavam patentear intransigencia impertinente; talvez mesmo de motu-proprio: o que é certo é, que não dando ouvido á razão, tomou posse da presidencia a 15 de Janeiro perante a Camara Municipal do Rio Grande, posse esta que a assembléa recusou com toda razão reconhecer, por ser illegal, visto não ter sido feita na Capital e em seu seio.

Comtudo, ainda a assembléa provincial tentou um ultimo recurso, convidando-o com a melhor intenção a ir ractificar perante ella, na fôrma das leis em vigor, o juramento por elle prestado na Camara Municipal; o que de novo o presidente recusou fazer.

Em vista disso, a assembléa, em todo o seu direito, não reconheceu n'elle autoridade administrativa, e entregou o governo da provincia ao vice-presidente Dr. Marciano Pereira Ribeiro, d'ahi resultando o facto da provincia ter dois governos: um em Porto Alegre e outro na cidade do Rio Grande, e as autoridades e o povo obedecerem áquelle que mais confiança ou sympathia lhe merecia.

Araujo Ribeiro tinha conseguido chamar a si o coronel Bento Manoel Ribeiro, seu proximo parente, que a principio tomára o partido dos revolucionarios. Este coronel, em uma proclamação de 25 de Janeiro, convida os milicianos dos regimentos n<sup>os</sup>. 20 e 21, então extinctos, para se dirigirem armados a Porto Alegre em favor do Dr. Araujo Ribeiro.

Dessa fôrma os animos se achavam cada vez mais irritados, tornando eminente e inevitavel a lucta.

Já grande numero de estrangeiros fugiam do Rio Grande e internavam-se em Santa Catharina, temendo as consequencias da revolução.

As sessões da assembléa legislativa provincial de Santa Catharina, que costumavam ter logar em Março e Abril de cada anno, foram transferidas em 1836 para Abril e Maio, por assim o entender o presidente da provincia, o qual no dia 1<sup>o</sup>. de Fevereiro officiou, communicando essa resolução, ao presidente da mesma assembléa, Conselheiro Miguel de Souza Mello e Alvim, e aos deputados Jeronymo Francisco Coelho, Antonio José Falcão da Frota, José Francisco Coelho, e aos supplentes Francisco de Oliveira Carvalho, Thomé da Rocha Linhares, Anacleto José Pereira da Silva e João Francisco de Souza Coutinho.

Em officio de 3 de Fevereiro de 1836, dirigido ao Ministro da Guerra, José Marianno diz que a expedição, cuja partida estava

marcada para o dia 28 de Janeiro, fôra transferida para o dia 31, e até á data em que escrevia-lhe não pudera seguir em consequência do mau tempo e ventos contrarios; que lamentava a insignificancia da força, composta apenas de 68 soldados, dos quaes 25 voluntarios, de 23 de Novembro de 1835 até áquella data, e com os quaes pouco se poderia contar por serem recrutas; que a guarda nacional, que só fazia, até então, serviço aos domingos, passára a fazel-o nos mais dias da semana, juntamente com a policia; reiterava de novo o pedido da 5<sup>a</sup>. companhia destacada em Santos; communicava que sacara, para occorrer ás despesas da expedição, a quantia de oito contos em letras sobre o thesouro publico, tendo feito as competentes communicações ao Ministro da Fazenda; finalmente que acertára fazer marchar o 2<sup>o</sup>. corpo sem o parque de artilharia, e que iria em pessoa á Laguna para fazer chamar ás armas a guarda nacional, da qual, entretanto, devido á sua organização e instrucção tão descurada, não se poderia esperar grandes auxilios.

Como anteriormente já disse, não existia nem um engenheiro na provincia, salvo o major Sepulveda, que se achava na Laguna, e o capitão Jeronymo Francisco Coelho, deputado provincial; o aviso do Ministro da Guerra de 2 de Setembro de 1835 mandava que elle se recolhesse á Côrte, o que só fez em Fevereiro de 1836, por ter estado doente.

Antes, porém, d'elle embarcar, José Marianno officiou, a 15 de Fevereiro de 1836, ao Ministro da Guerra, dizendo que sendo indispensavel a existencia na provincia de um official do corpo de engenheiros, não só para ser empregado em obras puramente militares, como tambem para levantamento de plantas, confecção de orçamentos e direcção de obras civis, das quaes algumas já se achavam decretadas; pedia que lhe fosse reenviado aquelle official que reunia á sua aptidão profissional o exacto e minucioso conhecimento do paiz.

Nesse mesmo dia 15, José Marianno officiava a Agostinho Alves Ramos, inspector das colonias do Itajahy, em resposta a um officio deste que lhe pedia autorização para os colonos se estabelecerem fóra das 500 braças em quadro, que a lei reservava em cada colonia: ao que o presidente respondeu affirmativamente, dizendo não haver nisso inconveniente algum.

O officio de 18 de Janeiro, de José Marianno ao Dr. Araujo Ribeiro, fôra interceptado no caminho e cahira nas mãos de Americo Cabral de Mello, vice-presidente em exercicio em Porto Alegre, que o levou immediatamente ao conhecimento da Assembléa



Provincial: esta officiou logo, em data de 17 de Fevereiro, ao presidente de Santa Catharina, expondo a marcha dos acontecimentos, e pondo-o assim ao facto das occurrencias havidas até aquella data.

Americo Cabral de Mello officiou immediatamente, na mesma data, ao tenente-coronel Lisbôa, ordenando-lhe que regressasse para o ponto de onde sahira, visto não mais ser necessaria tal ordem requisitada pelo presidente José de Araujo Ribeiro, e na mesma data enviava elle outro officio ao presidente de Santa Catharina, dizendo ter recebido o officio d'este datado de 18 de Janeiro e dirigido a Araujo Ribeiro, e que a este a assemblêa convidára para tomar posse da presidencia em Porto Alegre no dia 15 de Fevereiro, e como elle não o fizesse, tomava elle conta da administração da provincia, como vice-presidente mais votado; que esperava elle José Marianno approvaria a ordem que elle dêra para que o 2º. corpo retrocedesse por não mais ser necessario e só servir para inflamar os animos, pois só com moderação e prudencia poder-se-ia tranquillisar a provincia.

Em direcção ás Torres, em poder dos republicanos, havia partido de Porto Alegre o coronel chefe da legião da guarda nacional Onofre Pires da Silveira Canto, á frente de uma força regular, no dia 17 de Fevereiro. De seu acampamento em marcha esse coronel officiou ao tenente-coronel Lisbôa, dizendo que constando-lhe que elle marchava para o Rio Grande com pequenas forças requisitadas pelo Dr. Araujo Ribeiro com o proposito de hostilisar os habitantes do Rio Grande, rogava-lhe reflectir no passo que ia dar, e contava que retrocedesse, pois do contrario iria comprometter uma provincia vizinha e amiga; no caso, porém, de ter elle o firme proposito de continuar essa marcha, impunemente não o faria, precisando antes passar pelos cadaveres dos bravos que o acompanhavam.

(Continúa.)

---

A carne de porco, seja sob que fôrma fôr, não é recommendavel ás crianças; ella é pezada e indigesta; o mesmo dá-se com a carne de vacca.

As crianças não devem comer carne senão dos 5 ou 6 annos em diante.

---

Uma companhia de seguros contra os celibatos funciona em Hollanda, permittindo ás suas seguradas receberem uma renda a partir de 45 annos, desde que fiquem *titias*.

# FRITZ MÜLLER

---

Fritz Müller, o grande naturalista darwinico, representa, com o archeologo Lund, da Lagôa Santa, os dois maiores cientistas, habitando permanente e definitivamente o Brazil numa adopção de patria.

Conhecemol-o em Santa Catharina, quando professôr de mathematicas, no Lyceu Provincial, de que fomos juvenil alumno, durante tres annos, de 1862 a 1865.

Fritz Müller viêra para o prodigioso, original e feerico Brazil, impellido por paixão scientista, aportando á Santa Catharina como simples colono, em 1859.

Vagando, porém, um logar no Lyceu Provincial, conquistou a cadeira de mathematicas, em concurso para sempre celebre.

Era, nessa época, homem de 35 a 40 annos, alto, magro, agil, a barba inteira, curta e rala, sempre vestido singelamente, com roupas de algodão, tecidas na terra catharinense.

Uma de suas singularidades, em aula, era realizar os calculos mais complicados de modo exclusivamente mental...

Como disciplinado prussiano, jámais faltava ao Lyceu, á hora exacta, e, cumprido rigorosamente o dever official, volvia apressadamente á Praia de Fôra, onde habitava com a consorte e familia, uma numerosa ninhada de creanças louras, por vezes acompanhando-o ao longo da praia, quando, pés descalços e calças arregaçadas até aos joelhos, colhia á beira d'agua abundantes e ineditos especimens da flôra e faúna marinhas, que á noite cuidadosamente classificava.

Frequentemente as excursões dirigiam-se, tambem, ás florestas e montanhas e, ahi, trabalhava, isolado, sem a escolta das creanças louras.

Fritz Müller singularisava-se, como naturalista, por intensissima e universal intuição philosophica, como assignalado interprete das doutrinas de Darwin, com quem activamente se correspondia, merecendo do Jehovah do naturalismo plena aceitação e glorificantes referencias.

Factos, investigações, descobertas realizadas por Fritz Müller, á luz dessa ingente theoria, incessantemente corroboram e ampliam a grande doutrina emancipadôra da mentalidade humana.

Quando, ao alvorecer do moderno evangelho, famosos scientistas conservadores, em todo o mundo, forcejavam por manter o velho edificio theologico da natureza creada, partia do Brazil efficaz auxilio, propiciando a victoria da verdade.



As numerosas e prestantes obras de Fritz Müller, todas versando sobre a natureza brasileira, merecem ser colleccionadas, traduzidas e vulgarisadas.

Fritz Müller, apesar de apparencias abstractas e reservadas, era vivassissimo espirito, sempre a par, não só dos progressos scientificos, como de todos os successos occorridos no mundo, e muito especialmente no Brazil, acompanhando-os detidamente, em prolongadas leituras de jornaes da Allemanha e nas do nosso invencivel decano, o *Jornal do Commercio*.

Apenas aposentou-se como lente, fixou residencia em Blumenau, onde, por dilatados annos, cercado de universal veneração, extinguiu-se, como supremo chefe espiritual daquelles nascentes povos teuto-brazileiros.

### Gama Rosa.

---

Um relojoeiro suiso offereceu ultimamente 12 relógios á venda, mas era necessario adquirir todo o lote: 6 relógios em metal, 6 em prata. O primeiro custava 10 centimos; o segundo 20; o terceiro 40; o seguinte 80, etc; o preço de cada relógio éra dobrado seguidamente. Houve pretendentes que offereceram exactamente 409 fr. e 50 pelo lote, mais ou menos 34 francos e 12 centimos por cada relógio.

---

As bebidas gazosas são preferiveis ás bebidas geladas, durante o verão e mesmo em qualquer outra estação. Uma chicara de chá quente mitiga melhor a sede do que qualquer outra bebida.

---

Na Escossia cada um dos convidados a um casamento de pobres entrega aos noivos um obulo, que não deve exceder de um franco.

---

Uma escola especial vem de ser fundada em Budapest, capital da Hungria, para os meninos aprenderem a arte de comer correctamente.

---

Um medico inglez é de opinião que deitarmo-nos com o estomago vazio predispõe ao pezadelo.

---

Uma velha lei grega dispõe que não é possivel o divorcio quando o marido não pôde assegurar sufficientemente o futuro da mulher.

# A PENNA

A penna é mais que a archi-alavanca da humanidade: é a suprema arma de guerra do homem culto!

Tragam-na sempre prompta á peleja e á repulsa dos malfeteiros Moraes os que a sabem manejar, entendem da arte diabolica de escrever e vivem entre o tabocal humano da civilisação moderna.

Tragam-na como os que habitando bosques, florestas, sertões, trazem a garrucha e o punhal com que repellem o bandido e o animal bravio.

Munamo-nos da penna contra os sicarios da penna, como o sertanejo se mune da faca contra o sicario da faca.

A penna é o unico perservativo da penna.

Com ella defendi minhas idéas, illustrei meu nome, matei meus malfeteiros.

Minha penna! Tu és meu grande amor, a minha grande gloria, minha grande desventura!

Descança agora, que espatifas um bandido, minha amiga, minha noiva.

E a lucta? e o trabalho? e a vida? e o idéal?

— O idéal! o trabalho! a lucta! Prosigamos então: E' o Destino!

Fausto Cardoso.

---

## A JUDITH GAUTIER

*La mort et la beauté sont deux choses profondes  
Qui contiennent tant d'ombre et d'azur, qu'on dirait  
Deux sœurs, également terribles et fécondes,  
Ayant la même énigme et le même secret.*

*O femmes, voix, regards, cheveux noirs, tresses blondes  
Vivez, je meurs! Ayez l'éclat, l'amour, l'attrait,  
O perles que la mer mêle à ses grandes ondes,  
O lumineux oiseaux de la sombre forêt!*

*Judith, nos deux destins sont plus près l'un de l'autre  
Qu'on non croirait, à voir mon visage et le vôtre;  
Tout le divin abîme apparaît dans vos yeux,*

*Et, moi, je sens le gouffre étoilé dans mon âme:  
Nous sommes tous les deux voisins du ciel, madame,  
Puisque vous êtes belle et puisque je suis vieux.*

Victor Hugo.



## Hymno do Estado de Santa Catharina

Adoptado pelo Decreto n. 132 de 21 de Abril de 1892. — Lettra de Horacio Nunes. — Musica de José Brazilicio de Souza.

Sagremos n'um hymno d'estrellas e flores,  
n'um canto sublime de glorias e luz,  
as festas, que os livres — frementes de ardores —  
celebram nas terras gigantes da Cruz!

Quebrem-se ferreas cadêas,  
rojem algemas no chão;  
do povo nas epopeas  
fulge a luz da redempção!

No céu peregrino da patria gigante,  
que é berço de glorias e berço de heróis,  
levante-se, em ondas de luz deslumbrante,  
o sol — Liberdade — coroado de sóes!

Pela força do Direito,  
pela força da Razão,  
cahe por terra o preconceito,  
levanta-se uma — Nação!

Não mais diferenças de sangue e raças,  
não mais regalias sem termos, fataes:  
— a força está toda do povo nas massas...  
— irmãos somos todos e todos iguaes!

Da Liberdade adorada,  
no deslumbrante clarão,  
banha o povo a fronte ousada  
e avigora o coração!

O povo que é grande, mas não vingativo,  
que nunca a Justiça e o Direito calçou,  
com flores e festas — deu vida ao captivo,  
com festas e flores — o Throno esmagou!

Quebrou-se a algema do escravo,  
e n'esta grande Nação  
— é cada homem — um bravo  
— cada bravo — um cidadão!

Este Hymno foi cantado por distinctas senhoritas e cavalheiros, no theatro Alvaro de Carvalho, (então Santa Isabel) em Desterro, na noite de 21 de Abril de 1892, perante extraordinaria concurrencia.

# Um catharinense distincto

---

## Desembargador José Maria do Valle

---

Na capital de S. Paulo falleceu no dia 29 de Março do corrente anno um compatriota illustre: o desembargador Dr. José Maria do Valle, catharinense de nascimento, filho do commendador José Maria do Valle.

Nasceu em 29 de Maio de 1835 na cidade do Desterro e bacharelou-se em direito na Faculdade de S. Paulo em 1860, notando-se entre os collegas de turma os que mais tarde foram os grandes estadistas Visconde de Ouro Preto, Barão de Muritiba, etc.

Em 1867 foi nomeado juiz de direito de S. Matheus, cujas funções deixou para occupar as de chefe de policia do Espirito Santo, durante a administração do Dr. Bittencourt Sampaio, de quem foi substituto no elevado cargo de presidente d'aquella provincia.

Quando o partido liberal, a que pertencia, deixou o poder, o Dr. Maria do Valle entregou-se exclusivamente aos seus deveres de magistrado, a cuja toga sempre honrou pela competencia juridica e honradez de character. Em Santa Catharina o distincto compatriota exerceu a judicatura em algumas comarcas, sempre respeitado e querido de seus jurisdicionados.

Foi convidado para dirigir a provincia do Maranhão, mas não acquiesceu por motivos particulares. Mais tarde recusou, novamente, a acceder aos empenhos de D. Pedro II, para presidente da provincia do Rio de Janeiro. Em diversas organizações ministeriaes seu nome fôra lembrado, mas nunca incluído pela recusa que oppunha peremptoriamente.

Foi nomeado ministro do Tribunal da Relação de Matto Grosso, mas não acceitou o cargo.

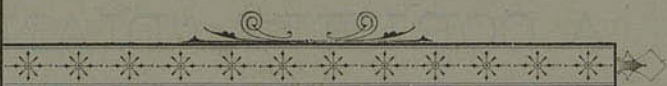
Em seguida o Imperador o distinguio com a nomeação para o Supremo Tribunal de Justiça, em cujo cargo aposentou-se por encommodos de saúde, passando, então, a residir em S. Paulo.

No regimen republicano a politica o foi requestrar ao seu gabinete de erudito, offerecendo-lhe uma cadeira de senador federal: a idade avançada e a sua afeição ao regimen decahido, cujo ultimo monarcha tão amigo lhe fôra, não lhe permittiram, porém, prestar á patria, em tal esphera de actividade, na phase republicana, os serviços inestimaveis de sua competencia e patriotismo.

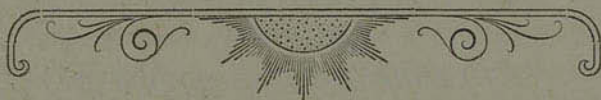
---

Os avarentos guardam o seu thesouro como se fosse seu, mas temem servir-se delle como se na realidade pertencesse a outrem.





# DEUS



*Of Hav'n, and from eternal splendours flung  
For his revolt...*

MILTON.

Deus existe? — Ou é Deus somente um nome vão?...  
E bato ás portas d'ouro e de opala da aurora,  
Donde o sol — velho leão — noite e estrellas devora;  
E ás estrellas da noite em louco turbilhão...

Ao mar, ao vento, ao raio, ao tempo, ao abysmo em fóra,  
Ao argueiro e á montanha, ás lavas e ao vulcão,  
Ao passado, ao porvir, ao berço, á cova... Embora!...  
Cala-se a natureza, e me responde: *Não*.

Subo á minha alma então : chamo-a, interrogo-a... Nada.  
E ella fica a oscillar, no abysmo pendurada,  
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim...

Só, entre o torvelim dos chaus em labyrintho,  
Como com seu bordão na areia um cego, — o instincto  
Sobre a poeira dos soes grava um tremulo *Sim*.

Luiz Delfino.

# A CORVETA "DIANA"

ROMANCE MARITIMO, ORIGINAL BRAZILEIRO

POR

A. VON HOONHOLTZ

(BARÃO DE TEFFÉ)

---

( *Continuação da pagina 61* )

## FESTA, BAILE E ORGIA

Mil tochas aromaticas se alegram  
Por entre os festões largos que serpeam  
Ao longo das altissimas columnas.  
Orna purpurea seda aqui janellas  
Arqueadas, além balcões abertos  
Que juntam gala á gala e vem mostrando  
Os jardins, e arvoredos illuminados.

(Noite do Castello)

Graciósas collinas sempre cobertas de rica vegetação, onde o verde cláro da rasteira gramma e o escuro das frondósas arvores, se combinam perfeitamente com os variegados matizes das odoríferas flores esparsas por entre a relva ou pendentes de seus troncos, eis ahi os avelludados coxins que formam entre si um regaço onde se encerra a pittoresca capital de Santa Catharina, qual formosa nympha que envolta em niveas roupas parece ahi repousar tranquillá, depois do banho, a contemplar risonha as placidas aguas e o puro céu que serve de tecto a essa ilha encantadora.

Nesta cidade pois, poética por excellencia, e onde o aládo Pégazo descansa sempre alguns momentos no longo vôo em que transporta do Parnazo ao Helicon, o Deus da sublime poesia, nesta cidade, repetimos, tinham de dar-se muitas das scenas que por haverem vivamente impressionado os jovens officiaes da *Diana* fazem hoje o assumpto deste livro

Sôava ainda a ultima badalada das oito horas quando a corveta largou ferro em frente ao caes da Alfandega; 20 a 30 navios, quasi todos de pequeno porte, achavam-se ancorados juntos á terra e em seus mastros fluctuavam, desprendidas, bandeiras e galhardetes de vivas côres. O dia começava claro e sem nuvens e uma fresca brisa do Nordeste amenisava os ardores do sol, cujos raios deslumbrantes mais faziam realçar os pavêses multicores de que se haviam adornado todas aquellas embarcações.



Depois do almoço o commandante e officiaes de fôlga foram á terra, onde dividiram-se em grupos de dois e tres para passearem pela cidade. Nas ruas havia grande movimento, pois era dia santificado e além disto quasi todos os habitantes das povoações visinhas tinham affluido para uma festa que se celebraria na matriz ás dez horas da manhã, e se annunciava pelo repique dos sinos e pelas continuas girandolas que estrugiam os ares. A praça achava-se apinhada de homens, mulheres e creanças, que caminhavam alegres por entre as ruas improvisadas de palmeiras e sementeiras de odorosas folhas, ou se detinham pasmados em frente ás alvas barracas ornadas de fitas e bandeiras e onde disticos em letras garrafâes chamavam a attenção dos transeuntes para os botequins, theatrinhos e bazares. Em frente ao palacio da Presidencia estava armado o infallivel fogo d'artificio que devia rematar a festa d'aquelle dia.

Como era natural, depois dos recém-chegados percorrerem as ruas principaes e passarem uma vista rapida pela praça, encaminharam-se para a Matriz e ahi assistiram á festa, que só terminou depois de meio dia; em seguida uns dirigiram-se ao hotel do *Univerzo* e outros continuaram no passeio, rindo e folgando, como é de costume nos jovens officiaes de Marinha, ora analysando um trajo burlesco, ora lançando um olhar de ternura para alguma menina e ora admirando alguma taboleta cujo letreiro figurar podia entre as melhores peças d'architectura; ás tres horas, enfim, reuniram-se todos no hotel, ahi postaram-se em torno dos bilhares e começaram a jogar. Pouco tempo havia que se divertiam quando um ordenança, entrando sem dizer palavra, e fazendo apenas a continencia do estylo, entregou a cada official uma carta com sello da presidencia.

— Temol-a travada, murmurou Ricardo, que tinha largado o táco e procurava os óculos na algibeira, — isto não pôde ser coisa bôa; é sem duvida para acompanhar alguma procissão com o fim de *abrilhantar mais o acto*..... phrase sacramental de todos os convites.

— O' lá, viva o Presidente! exclamou o Guarda Marinha, dando um pulo da cadeira e acabando de ler a carta; nada menos do que um baile em palacio... e hoje! Não podíamos chegar mais a proposito.

— V.V. S.S. ordenam alguma coisa? perguntou o soldado.

— Nada, camarada, respondeu Alfredo, diga apenas á S. Exa. que agradecemos a attenção e lá iremos esta noite.

— Onde vai, Sr. Fernando? perguntou Adriano, dirigindo-se ao Guarda Marinha, que já ia no corredor, — olhe que vamos jantar, pois são mais de tres e meia.

— Quando se tem no bolso um convite de baile não se pensa em comer, Sr. Adriano; vou comprar luvas, que é agora o objecto que mais me preoccupa, e depois tratarei de jantar, ou então, se não chegar a tempo, ficarei satisfeito com os olhares requebrados das amáveis catharinenses. Trate o Sr. de comer, porque já é “becco sem sahida”, gritou do corredor, e dizendo isto desappareceu na escada do pavimento terreo.

Às oito horas o commandante e officiaes da *Diana* sahiram juntos do hotel, em primeiro uniforme, e dirigiram-se a palacio.

Santa Catharina estava realmente festiva; as côres varias dos lampeões que pendiam quatro á quatro de cada coqueiro, e reflectiam nos tectos brancos das barracas; a multidão que cobria a praça, parte sentada em linhas de cadeiras, parte deitada na gramma: as risadas quasi constantes dos meninos agrupados em frente ao theatrinho, tudo enfim, nos apresentava d’este lado um dos mais apaziveis quadros das scenas campestres, entretanto que d’outro lado, um palacio se erguia altivo e soberbo, regorgitando de galas e luz, e por cujas janellas se viam perpassar da parte interna grupos elegantes e aristocraticos. Um mórno silencio reinava nos salões, á entrada dos nossos conhecidos, que, habituados aos bailes de primeira plana e tendo quasi todos frequentado as melhores sociedades européas, fizeram garbosamente a sua entrada ao lado do Presidente, que os veio receber no tópo escada.

Depois de apresentados á sua esposa e a algumas outras senhoras, derramaram-se pelas salas, já tirando pares, já saudando com certa distincção ás pessoas que lhes eram apresentadas. E’ geralmente sabido o gráo de sympathia de que gozam os officiaes de marinha em Santa Catharina, portanto ninguem se admirará quando lhes dissermos que o sexo amavel ficou radiante de alegria á vista deste reforço de jovens, cujo uniforme, rico em geral, tanto influe no coração das bellas.

Rompeu o baile; cada um dos recém-chegados esmerava-se por mais agradar á sua dama e nada desmerecer do conceito vantajoso que a sua nobre classe soubéra grangear. Terminada a primeira quadrilha seguiu-se uma valsa e então o baile se foi animando; as moças, com o peito arfando de emoção e fadiga, a cabeça recostada ao hombro dos seus cavalheiros, as faces



rubras e abrasadas, e os olhos languídos e semi-mortos, pareciam esquecidas deste mundo e deixavam arrebatarse como em sonho vertiginoso por entre aquelle turbilhão que girava em torno da sala.

— Está fatigada, minha senhora? — perguntou Fernando á sua dama, bonita moça de olhos grandes e expressivos.

— Não senhor, podemos continuar, queria apenas respirar um pouco.

O Guarda Marinha passou novamente o braço direito pela cintura do seu formoso par, esperou o compasso da musica e precipitou-se outra vez no turbilhão dos valsantes. Acabada a valsa alguns pares se sentaram, Fernando, porém, tornou a perguntar á sua dama se estava fatigada e recebendo resposta negativa, conduziu-a a outro salão e principiaram a passear.

— Minha senhora, disse elle, não tenho expressões com que possa agradecer a V. Ex. os deliciosos instantes que me tem feito passar hoje; talvez sejam estes os unicos momentos de felicidade de que góso ha muitos annos.

— E' extrema bondade sua, respondeu ella, e talvez que o Sr. pense justamente o contrario do que me diz, pois já duas vezes tem-me perguntado se estou fatigada. Quem sabe se não será um expediente para fazer-me sentar e ir render suas homenagens a outra mais bella?

— Oh! minha senhora, que injustiça! Separar-me agóra de V. Ex. seria o mesmo que dizer á minha alma que fugisse para longe do meu corpo; seria o mesmo que rasgar o meu peito e arrancar de dentro o meu coração; seria...

— Muito bem, muito bem, — disse uma vóz grave e pausada.

Fernando voltou-se sobresaltado e deu com o Presidente, que passava de braço com o commandante dizendo: — Assim é que eu gósto de ver um par, ambos moços, bonitos e cheios de esperança; essa é a unica época em que se gósa; no resto da vida não se faz mais do que carregar o peso do corpo.

O baile continuou animado e brilhante até ás quatro horas; Fernando com grande escandalo dançou ainda mais uma valsa e uma quadrilha com a sua bella, que soube chamar-se Laura, e quando se recolheram á casa, estes dois jovens não gozavam de uma paz de espirito, porque as palavras d'um e os olhares furtivos da outro, não podiam deixar de gravar-se em suas imaginações exaltadas pelo fogo dos vinte annos.

(*Continúa.*)

# NOTAS

## Primeiro Congresso de Historia Nacional

Em 7 de Setembro inaugurar-se-á no Rio de Janeiro, encerrando-se a 16, o Primeiro Congresso de Historia Nacional, promovido pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Desse Congresso serão considerados membros *ex-officio* os diferentes Institutos Historicos do paiz, e a elle poderão individualmente adherir, não só os membros dessas associações, como em geral os estudiosos de Historia, aos quaes será dado livremente concorrer com suas memorias. As memorias apresentadas devem ser ineditas e ter por thema qualquer episodio da historia brasileira desde o descobrimento até á lei da libertação dos nascituros, isto é, de 1500 a 1871. As memorias biographicas poderão versar sobre escriptores estrangeiros que se tenham dedicado a assumptos brasileiros, ou personalidades estrangeiras intimamente relacionadas com a historia nacional. Nenhuma memoria poderá exceder de 50 paginas in-8º., quando impressas especialmente para o Congresso, de 70 paginas á machina, ou, em manuscripto, de 100 paginas de almaço, de 33 linhas, escriptas em uma só face; e o prazo de apresentação das memorias ao Congresso terá por limite rigoroso o dia 7 de Julho do corrente anno.

As memoria apresentadas, discursos pronunciados, actas das sessões, etc., formarão um volume especial editado sob os auspícios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a quem cabe a iniciativa do Congresso.

Encerrado o Congresso, realizar-se-á, mediante pequena contribuição dos que nella participarem, uma excursão a Ouro Preto, a mais typica e suggestiva das cidades coloniaes do Brazil, e será collocado um marco de pedra na encosta do morro denominado "Cara de Cão," á entrada da bahia de Guanabara, commemorando os primeiros fundamentos da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 1565.

E' delegado, neste Estado, do Primeiro Congresso de Historia Nacional, o talentoso catharinense Sr. Dr. Henrique Fontes, que ha muito se dedica a estudos historicos, com proficiencia notavel, honrando, por vezes, as paginas desta revista.

---

Para uzar-se o **Elixir de Nogueira** do pharmaceutico-chimico Silveira, não é preciso dieta nem resguardo.

---

## Revista Catharinense

Levamos ao conhecimento dos nossos prezados assignantes, que estamos procedendo á cobrança do 1º. semestre do corrente anno, da nossa Revista.

## A côrte de D. João V I

O interessante artigo que, sob este titulo, publicamos neste fasciculo, firmado pelo emerito publicista e diplomata Dr. Oliveira Lima, será seguido de um trabalho que, sobre quem era a rainha D. Carlota Joaquina e sua influencia na cessão da Cisplatina aos argentinos, elaborou o nosso distincto collaborador Sr. capitão de mar e guerra Henrique Boiteux, sobre documentos interessantes e pouco conhecidos.

---

Os tuberculosos encontrarão um poderoso remedio no **Vinho Creosotado** do pharmaceutico-chimico Silveira.

---

## Luiz Delphino

O Conselho Municipal do Districto Federal approvou a indicação apresentada pelo intendente Honorio Pimentel auctorisando o Prefeito a auxiliar, pecuniariamente, a execução da herma e do busto em bronze do insigne poeta catharinense Luiz Delphino, num dos jardins da capital da Republica.